

MOTIVAÇÕES DA PESSOA VOLUNTÁRIA

O COMPROMISSO INICIAL

MIGUEL ÁNGEL DÍAZ HERNÁNDEZ

CADERNO
VOLUNTARIADO

03

DESAFIO EDUCATIVO

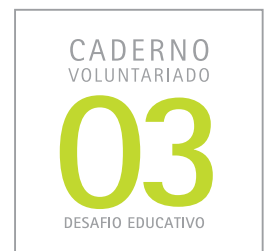


banco de voluntariado
FUNDAÇÃO EUGÊNIO DE ALMEIDA

MOTIVAÇÕES DA PESSOA VOLUNTÁRIA

O COMPROMISSO INICIAL

MIGUEL ÁNGEL DÍAZ HERNÁNDEZ





APRESENTAÇÃO

A Fundação Eugénio de Almeida acredita no Voluntariado enquanto valor e prática exemplar de uma cidadania activa, livre, responsável e solidária.

O Voluntariado é o resultado de uma opção pessoal de mudar a realidade social a partir do encontro com o outro. Nessa medida, a acção voluntária não se restringe ao campo social – onde a sua presença continua a ser indispensável –, mas alarga-se também à cultura, ao ambiente, à educação, à justiça, e a todas as outras dimensões da vivência humana.

Por outro lado, o Voluntariado é também uma escolha individual de desenvolvimento pessoal através da abertura a novas experiências e aprendizagens.

O Voluntariado tem vindo a assumir novas formas para responder às questões que continuamente emergem do tecido social, económico e político, de que são exemplo o voluntariado empresarial, o voluntariado de competências ou o voluntariado de proximidade.

Eno entanto, os valores identitários do Voluntariado permanecem imutáveis, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo ou lugar. Falamos da solidariedade, da generosidade, da partilha, do compromisso responsável, da acção construtiva, da gratuidade, do espírito de serviço.

A convergência da ética e da *praxis* do Voluntariado com a cultura institucional e a missão da Fundação Eugénio de Almeida fez com que esta o escolhesse como uma das suas áreas preferenciais de trabalho. É assim que, desde 2001, a Fundação desenvolve um projecto com vista à valorização e qualificação do Voluntariado e à criação de condições para o seu exercício efectivo.

Trata-se de um projecto amplo, transversal e continuado, orientado pela investigação-acção e para o desenvolvimento de novos modelos de actuação, com uma forte aposta na formação de voluntários e quadros das organizações.

Neste contexto, o voluntário é, ele próprio, o centro e o objecto de uma linha de acção integrada que passa pela motivação, pela formação geral e especializada, pelo enquadramento e acompanhamento no terreno, em suma, pela oferta de um itinerário formativo que permita ao voluntário crescer como pessoa e servir a comunidade.

O carácter diferenciador deste projecto da Fundação assenta na produção e sistematização de conhecimento enquanto factor estruturante da qualificação da acção voluntária. Destaca-se, como marco desta estratégia, a *Officebox do Voluntariado*, que disponibiliza uma metodologia e um conjunto de instrumentos operativos pioneiros em Portugal na gestão e animação de Voluntariado de Proximidade.

O Banco de Voluntariado da Fundação Eugénio de Almeida tem sido outro instrumento importante na implementação do projecto, funcionando como mediador activo entre voluntários e organizações, e animando uma rede onde a informação, o conhecimento e as oportunidades criam sinergias com impactos positivos na comunidade.

Paralelamente, a Fundação tem desenvolvido um conjunto de projectos de voluntariado em parceria com diversas instituições públicas e privadas.

O âmbito destas parcerias alarga-se também a outros níveis de colaboração aquém e além-fronteiras, disso mesmo dando bom exemplo a presente publicação.

Face à escassez de publicações sobre o Voluntariado em Portugal, quer do ponto de vista conceptual quer do ponto de vista prático, a Fundação considerou imperativo disponibilizar informação sistematizada sobre este tema. Nesse sentido, e com o apoio da Plataforma do Voluntariado de Espanha, apresenta um conjunto de

cadernos seleccionados a partir da colecção *A Fuego Lento*, da autoria de reputados especialistas espanhóis e editada por aquela Plataforma.

Estes cadernos, agora traduzidos e adaptados para Português, abordam um leque diversificado de temas e vão conhecer uma divulgação alargada, a partir da região de Évora para todo o país. A Fundação espera assim dar mais um contributo para a formação e qualificação dos diversos agentes envolvidos na prática do Voluntariado.

Estar na vanguarda da promoção de um Voluntariado qualificado é, para a Fundação Eugénio de Almeida, uma opção estratégica movida por uma forte convicção institucional: a de que só um Voluntariado qualificado pode tornar um compromisso individual num movimento colectivo com verdadeiro poder de transformação social.



COLECÇÃO «A FUEGO LENTO»

PARTINDO das diferentes entidades e plataformas nacionais* de voluntariado, temos vindo a reflectir em fóruns, Escolas de Outono e comissões de formação acerca da necessária actualização das nossas entidades sobre tudo o que tenha a ver com a formação de voluntários. A partir da nossa experiência e do diálogo em curso, vamos descobrindo a necessidade de nos ajustarmos a novas e imaginativas formas de conceber e pôr em prática este trabalho de formação. A nossa inquietação prende-se com a urgência em apostar nos processos educativos de longo alcance, que vão além da formação entendida como a mera transmissão de conteúdos ou de capacidades com vista a «preparar» os voluntários. Estamos convencidos de que os processos sob a forma de itinerário educativo respondem de uma forma mais integrada às necessidades tanto do voluntariado actual como da própria acção voluntária. Quando falamos de itinerário, não nos limitamos a um método de trabalho formativo, mas referimo-nos a uma vasta constelação de preocupações e ocupações quotidianas relativas a:

- _ Questões relacionadas com os processos de formação dos voluntários;
- _ Questões relacionadas com a acção voluntária;
- _ Questões relacionadas com a organização do voluntariado;
- _ Questões relacionadas com a criação de redes com terceiros.

*Nota do Editor: Referência às plataformas espanholas de voluntariado.

Gostaríamos de dar resposta a todas estas inquietações nestes cadernos, sabendo que os estilos educativos marcam e modelam as formas organizativas, os modelos de actuação e os tipos de coordenação com terceiros. Tudo isto requer grandes doses de paciência, flexibilidade e sentido de tempo educativo: um tempo que é *contracultural*, porque aposta necessariamente no *fogo lento*, e não no microondas dos cursos e *workshops* caracterizados pela pressa ou pela eficácia. Daí surge o título da nossa colecção *A Fuego Lento*, expressão de um compromisso educativo conjunto a longo prazo.

Nesta colecção pretendemos responder a três tipos de desafios com que nos deparamos actualmente.

- 1_ *Desafios educativos*, dado tratar-se de processos educativos que vão além dos espaços e tempos formativos tradicionais e que requerem visões do mundo e concretizações que devem conter uma clara perspectiva educativa.
- 2_ *Desafios organizativos*, dado que uma determinada forma de centrar os processos educativos no voluntariado constitui um modo concreto de entender a organização sociovoluntária, na qual todos somos afectados pelas linhas de actuação destes itinerários educativos, onde não só falamos de voluntários, mas também de animadores de voluntariado, de redes de animadores, de referências de grupo, etc.
- 3_ *Desafios transformadores*, dado que o voluntariado não é um gestor social, mas sim um transformador do ambiente que nos rodeia e um agente dinamizador que trabalha para obter condições de vida dignas para os mais desfavorecidos.

COLECÇÃO <i>A FUEGO LENTO</i>		
	TÍTULO	AUTOR
DESAFIO EDUCATIVO	1_ Os itinerários educativos do voluntariado	Luis Aranguren
	2_ Acompanhamento na acção. A figura do animador ou animadora de voluntariado	Jully Rodríguez
	3_ Motivação da pessoa voluntária	Miguel Ángel Díaz Hernández
DESAFIO ORGANIZATIVO	4_ A referência de grupo do voluntariado	José Luis Pérez Álvarez
	5_ Os desafios de uma acção voluntária integral	Alejandro Romero
	6_ Coordenação e redes de organizações de solidariedade	Enrique Arnanz Villalta
DESAFIO TRANSFORMADOR	7_ Presença pública do voluntariado	Sebastián Mora Rosado
	8_ Sociedade da informação e voluntariado	Carmen Laviña
	9_ Metodologias de análise da realidade global e local	Fernando de La Riva

A estrutura de cada um dos 9 cadernos da colecção é praticamente idêntica, consistindo em quatro secções diferentes:

- A. Conteúdo teórico do tema
- B. Propostas didácticas
- C. Vocabulário básico
- D. Bibliografia comentada

Os cadernos *A Fuego Lento* foram concebidos para serem trabalhados, mais do que lidos, para serem discutidos em grupo, mais do que «engolidos» individualmente, e para potenciarem, em última instância, o crescimento pessoal e colectivo do voluntariado e o reforço da qualidade da acção voluntária das nossas entidades e plataformas.

Luis A. Aranguren Gonzalo
Coordenador da Colecção *A Fuego Lento*, da Plataforma do Voluntariado de Espanha



*O importante é ser, e não parecer.
A verdade é que estamos tão mergulhados
nessa programação
que agir com clareza de percepção,
do ponto de vista dessa cultura,
quase parece um milagre,
mais ainda se pretendemos reagir
sem desgosto.
É preciso acordar antes
para compreender que o que nos faz sofrer
não é a vida,
mas sim as nossas alucinações,
e quando conseguimos acordar
e pôr de parte os sonhos,
encontramo-nos face a face
com a nossa liberdade e com a verdadeira
felicidade.*

Anthony de Mello



ÍNDICE

17	INTRODUÇÃO
21	I. CONTEÚDO TEÓRICO
23	1. Ser pessoa: o que é?
23	1.1. Quem sou eu?
24	1.2. Quem é o outro?
25	1.3. A relação entre o individual e o social
27	1.4. A relação entre o individual e colectivo
28	1.5. A síntese criativa
30	2. Ser voluntário porquê?
31	2.1. À procura de respostas
32	2.2. Razões ideais
32	2.3. Razões reais
33	2.4. A construção da síntese
37	3. A Motivação
37	3.1. Referência de crescimento e aprendizagem
38	3.1.1. Breve enquadramento teórico
39	3.1.2. Técnicas ou ferramentas
39	3.1.3. As derradeiras motivações
40	3.2. Processos e Técnicas: a SAFPASIC
40	3.2.1. Sensibilização - Acolhimento
41	3.2.2. Formação - Participação
43	3.2.3. Apoio - Seguimento
44	3.2.4. Interiorização - Consciencialização

45	3.3. Compromisso e avaliação
45	3.3.1. A acção - reflexão - acção (ARA)
46	3.3.2. Uma forma de ser, uma forma de viver
48	4. Conclusões
50	4.1. Pensamento e mente
50	4.2. Sentimento e coração
50	4.3. Amor, criação e construção
51	4.4. Motivação e compromisso
51	4.5. Formação e transformação
53	II. PROPOSTAS DIDÁCTICAS
55	1. À procura de respostas
57	2. Diário de um voluntário
58	3. Sinto-me tão sozinho(a)!
59	4. Como avaliar tudo isto!
61	III. UM VOCABULÁRIO PARA NOS ENTENDERMOS MELHOR
65	IV. BIBLIOGRAFIA COMENTADA



*Ao Pai – Mãe de todos os habitantes deste planeta
A todos os seus Filhos. A todos os meus irmãos e irmãs.
À Ideia Original, à Estrela-d'alva.
Ao Amor Verdadeiro e a todas as Almas.
Aos que carregam a sua Cruz e aos que Gritam pela manhã.
Aos meus filhos e aos meus pais.
A Pili, Carmen, Gisela e Marisela
A Cholas, Asu, Jenny e Sandra.
A Ricky, Fernando, Isa, Juanjo e Juanma
À Plataforma de Tenerife e a Tenerife Solidario.
Porque são coração do mundo e representam,
juntamente com muitos outros não referidos,
o Sal da Terra.
E o melhor dos Arados.*



INTRODUÇÃO

QUANDO nos chega às mãos um caderno como este (peço desculpa pela pretensão, melhor seria chamar-lhe folheto), significa que andamos à procura de respostas a muitas perguntas que se vão levantando no nosso «quefazer» enquanto voluntários(as). Se, além disso, o temos nas mãos por sabermos que se trata de um caderno pertencente a uma colecção específica intitulada «*A FUEGO LENTO*», cujo objectivo comum é tentar contribuir com um pequeno grão de areia para que os grupos e associações melhorem a acção solidária e empenhada dos seus voluntários, concluímos que fizemos a escolha certa. Coloca-se, pois, um duplo desafio a quem escreve ou elabora este material: tentar dar respostas às vossas perguntas, pedidos e/ou necessidades, bem como disponibilizar um instrumento pensado a partir da própria vivência, experiência ou «quefazer» dos seus autores, para que possa continuar a ser experimentado e enriquecido por todos.

Neste caso, cabe-me a mim dar voz à experiência. Contar a viva voz escrita a experiência do que vivi e aprendi. Gritar a plenos pulmões que vale a pena viver a partilhar. Que o prazer do compromisso solidário nasce do mais fundo de cada ser empenhado. E que os motivos mais profundos das pessoas que lutam pela construção de um mundo mais justo, incluindo daquelas que não se manifestam, são o motor da acção voluntária. E isso não é fácil, porque todas as pessoas são diferentes. Cada pessoa é original e irrepitível. Cada um de nós funciona de acordo com os seus ideais, as suas crenças, os seus princípios, o seu entendimento ou conhecimento do porquê das coisas. No entanto...

Podemos falar disso?

Podemos procurar «motivos» comuns?

Podemos aprofundar as formas de motivar e potenciar o que nos move?

Podemos definir metas comuns para caminhos a percorrer em conjunto?

Podemos traduzir em palavras, em nomes, esse sentimento interior da busca por um mundo melhor?

Podemos procurar ferramentas que nos ajudem a melhorar o impulso primário do compromisso do voluntariado?

Podemos aprender a distinguir os motivos «puramente altruístas» dos meramente «egoístas»?

CLARO QUE PODEMOS e esta afirmação é veemente e firme! Podemos e queremos fazê-lo. Vale a pena tentar, porque, deste modo, estaremos a construir algo em comum e que nos permite aproximar-nos dos outros a partir das nossas próprias fraquezas, mas também das nossas próprias virtudes, sonhos e esperanças.

Não estive sozinho nessa tarefa, outros viajantes acompanharam-me neste caminho. Para mim, foram muito importantes os contributos dos grupos de discussão e debate do workshop que tive a honra de coordenar na VI Escola de Outono da PPVE, realizada em Málaga em Outubro de 2001, onde reflectimos sobre o Compromisso Inicial do Voluntariado em três excelentes sessões de trabalho. O meu mais profundo agradecimento a todos os participantes, porque me ajudaram, com o seu amor e as suas reflexões, a pôr em ordem tudo isto que agora têm nas vossas mãos. Deixo uma palavra especial à D.^a Pepita, uma voluntária de Málaga com mais de oitenta anos, que emocionou o meu coração e iluminou o meu espírito com solidariedade partilhada e empenhada. Quis distribuir o conteúdo do presente folheto de acordo com uma certa ordem «lógica» do ponto de vista do processamento humano. Começaremos por reflectir sobre aquilo que somos e sobre o que fazemos, para terminar no modo como podemos continuar a fazê-lo. Tudo isto com exemplos destinados a facilitar a reflexão e a compreensão.

... A PARTIR do ponto onde estamos ou vivemos, reflectimos para poder continuar a estar, mas comprometidos, e esse compromisso continua a ser o objecto da nossa reflexão para aprender, crescer e continuar a estar...

Seria positivo comentarem esta leitura com outros amigos e outros voluntários. Organizarem debates e trabalhos de grupo. Ampliarem o âmbito dos temas aqui discutidos. Seria adequado fazer desta ferramenta um instrumento vivo de crescimento pessoal e de motivação colectiva. Neste sentido, são apresentadas propostas didácticas para facilitar essa tarefa, embora não sejam certamente as únicas que podem e devem ser realizadas. **SÃO EXPERIÊNCIAS VIVAS REUNIDAS PARA QUE OS GRUPOS DE VOLUNTÁRIOS POSSAM TRABALHAR SOBRE AS MESMAS.** O mais importante é a criatividade para pôr em prática a motivação partilhada, pelo que sugiro que não se limitem às quatro propostas didácticas aqui apresentadas, mas sim que tentem ampliá-las com os vossos contributos e sugestões.

O vocabulário compilado na parte final do caderno pretende afastar-se da mera descrição conceptual ou linguística para entrar na definição emocional, de consciencialização e entendimento. Isso irá, sem dúvida, ampliar o âmbito do debate e contribuir para a construção do vosso dicionário, de modo a podermos aproximar-nos de uma linguagem comum «entendida» e consciente. **TRATA-SE DE APLICAR AS PALAVRAS QUE PRECISAMOS DE REDEFINIR PARA A CONSCIÊNCIA E O TRABALHO QUOTIDIANO E TRANSFORMADOR.**

Os livros aqui comentados podem servir como complemento para aprofundar os temas discutidos no folheto. Por isso, seleccionei aqueles que considero mais interessantes, embora se trate de uma opção pessoal que não deve limitar as vossas pesquisas sobre este tema. Muitos são autores conhecidos, com vasta bibliografia no mercado, outros nem tanto, mas quis seleccioná-los por considerar que podem ampliar, a partir da discussão proposta, o âmbito motivacional e ético das pessoas solidárias.

Espero que vos agrade esta leitura e que possam aplicá-la no vosso trabalho. Obrigado desde já pelo vosso interesse.

I.

CONTEÚDO
TEÓRICO

1_ SER PESSOA: O QUE É?

«...Meu amigo, não sou o que pareço. O que pareço é apenas uma vestimenta cuidadosamente tecida, que me protege das tuas perguntas e te protege da minha negligência...»

Khalil Gibran

ANTES de entrarmos em qualquer reflexão sobre quem somos, devemos perguntar-nos porque temos de procurar respostas para todas as perguntas relacionadas com a nossa existência como seres pensantes. Há milhares de anos que nós, seres humanos, procuramos conferir um conteúdo «lógico», «racional» e «científico» à nossa própria existência. Já escrevemos milhares de páginas. Já chorámos milhares de mortos e... ainda não obtivemos uma resposta clara! Obviamente, esta situação não é igual para todos, visto existir uma grande quantidade de pessoas que, após ter colocado todas as possíveis perguntas imaginadas ou sentidas, afirma acreditar ter encontrado as respostas adequadas para quase todas elas. É sobretudo esse o caso dos milhares de habitantes da terra que se organizam em igrejas, religiões, confissões, seitas e até mesmo em partidos políticos e clubes desportivos!

No entanto, continua a ser válida uma máxima filosófica de todos os tempos: descobrir-se como pessoa é uma tarefa difícil, mas grandiosa! É entrar nos recônditos da vida. É colocar-se perante os espelhos do mundo. É reflectir-se nos sentimentos dos outros. É saber-se amado e experimentar, em união, esse sentimento tão temido, mas tão ansiosamente perseguido. É confirmar que somos diferentes dos outros seres que habitam este planeta. É sentir os sentimentos contraditórios das relações com os outros: amor, ódio, raiva, vingança, compaixão, caridade, solidariedade, violência, medo, rancor, ira, egoísmo, poder, desinteresse e entrega desmedida... tudo isto formando parte de nós, explodindo nas nossas vidas: ser pessoa! Profunda afirmação neste novo século que começa e inaugura um novo milénio!

1.1_ QUEM SOU EU?

Perguntar sobre o facto de ser pessoa, sobre a própria identidade de cada um, sobre as dúvidas e a busca de respostas pessoais, sobre o resultado do aprendido, sobre o porquê do ensinado, é o denominador comum dos mortais inteligentes e pensantes.

SOMOS o resultado do processo vivido, mas que processo é esse? Como o sentimos? Como determina a nossa vida? Somos só isso...? É possível mudar...?

É preciso pensar em tudo isto. Procurar respostas que nos possam ir situando no mistério da vida. Que nos liguem a ela. Estabelecermos uma simbiose entre o que somos e o que descobrimos sobre a vida. Ninguém pode fazer essa descoberta por nós. Apenas cada um, com a sua solidão interior, com a sua «terrível» e «isolada» solidão interior (A SOLIDÃO É TERRÍVEL quando as pessoas querem fugir dela. Não há nada mais maravilhoso do que encontrar-se nessa solidão, porque significa que a pessoa se reconhece no seu interior e descobre a sua essência. Os medos congelam-nos, assim como o vazio solitário). Mas é necessário recuperar e partilhar a Verdadeira Solidão para podermos descobrir-nos e reconhecer-nos na imensidade do mar da existência humana. **Descobrir a essência SÓLIDA que a vida representa é a tarefa comum de todos os que querem ser SOLIDÁRIOS!**

1.2_ QUEM É O OUTRO?

O OUTRO QUE PENSAMOS OU SENTIMOS

Perguntamo-nos sobre quem é o outro? É um amigo, um adversário, um concorrente, um irmão, um soldado de um exército inimigo, um mestre, um companheiro, um colega, um vizinho, um transeunte...?

DE ONDE *surgem as perguntas? Quem dá as respostas?*

Somos nós que fazemos as perguntas. Somos nós que temos as respostas. Se cada um ouvir o seu coração, conhecerá as verdadeiras razões que o levam a relacionar-se com os outros. A saber quem são ou que papel desempenham. E será aí que nos iremos aperceber que **uma coisa é o que sentimos, outra o que pensamos, outra o que aprendemos, pois o que fazemos nem sempre é o que desejamos.** Porquê? É essa a questão principal. Vivemos em permanente contradição com os nossos sentimentos.

APRENDEMOS, desde pequenos, a relacionar-nos em função do nosso ambiente, família, cultura, amigos, crenças religiosas, aprendizagens e emoções. A relação torna-se, assim, algo subjectivo, não definidor e muito menos intransponível. É possível restabelecer os sentimentos? É possível melhorar as emoções? Podemos controlar os impulsos defensivos ou de ataque que aprendemos? Podemos expressar sem subterfúgios o que realmente sentimos no nosso interior? São boas perguntas para colocarmos entre todos.

Perguntaram tudo isto a pensar na vossa própria situação ou realidade?

O OUTRO QUE NOS VENDEM OU OFERECEM

Não vivemos isolados. Estamos integrados numa sociedade com uma cultura específica, cada vez mais homogénea, onde nos vendem ou **tentam impor** determinados estereótipos concretos: pessoas consumistas, com poder de compra, competidoras, triunfantes, trabalhadoras, inteligentes ou fracassadas, excluídas, imigrantes, desenraizadas, ignóbeis... **as duas faces da mesma moeda!** Não seria adequado perguntarmo-nos quem é esse «outro» que a sociedade onde vivemos nos vende: «ocidental», «cristã», «desenvolvida», «democrática», «consumista», «comunicada», «informatizada»?

PORQUE não fazer um retrato robô do perfil do homem ou da mulher ocidental que partilhamos ou dos perfis **INDIVIDUAIS** das duas faces dessa moeda que é a sociedade ou o ambiente onde vivemos?

Seria um trabalho de grupo interessante.

1.3_ A RELAÇÃO ENTRE O INDIVIDUAL E O SOCIAL

O individualismo pode marcar algumas das questões do neoliberalismo, facto que podemos verificar, por exemplo, nas reflexões que Carlos Núñez apresenta no seu livro *Revolución Ética*⁽¹⁾, quando explica a luta pela sobrevivência social ou quando define o sentido «ético» da pertença dos indivíduos a estruturas administrativas ou de gestão: regiões, países, nações, Estados, raças, cores, sentimento de classe.

(1) Núñez H., Carlos, La revolución Ética. Editorial IMDEC, A.C. México, Outubro de 1998, pp. 87, 88.

Assim, o papel do neoliberalismo no indivíduo, tal como definido por Carlos Núñez, citando o seu amigo Ricardo J. Gómez, parte do confronto entre uma ética baseada no humanismo e um conceito baseado nos princípios neoliberais, onde o indivíduo se torna no centro do consumismo. Como tal, os aspectos-chave que fundamentam este conceito seriam os seguintes:

- _ O ser humano é um ser basicamente egoísta, cuja propriedade fundamental é a dos seus bens e cuja actividade central é ser consumidor..
- _ Toda a sociedade é um conjunto que resulta da conjugação de actores individuais que se interrelacionam através de um sistema de tradições.
- _ O ser humano é um ser essencialmente instintivo e age racionalmente apenas para maximizar a concretização dos seus objectivos.
- _ A liberdade é abstracta, individual e negativa.
- _ A justiça social não é procurada nem favorecida pela ética neoliberal, a qual aceita uma justiça particularmente «igualitária».
- _ A sociedade capitalista neoliberal é insuperável.

Com base nas implicações destes aspectos-chave, Gómez e Carlos Núñez apresentam-nos as seguintes ideias:

- _ A ética do mercado é determinada por este e, inversamente, é condição necessária para a sua sobrevivência.
- _ Qualquer tentativa de moralidade privada, independente da do mercado, constituiria um regresso a etapas já superadas, onde dominava uma moralidade atávica, primitiva, uma moralidade de solidariedade e não edificada sobre o egoísmo, resultante do mercado.

- _ Não podemos adoptar outra moralidade. Isso deve-se ao facto de se tratar de uma moralidade baseada no egoísmo e na concorrência livre. É a moralidade que, de facto, existe porque o sistema existe.
- _ Respeitá-la garante a sobrevivência do sistema; violá-la é a sua morte.
- _ É uma ética resultante de um processo de selecção social.
- _ É uma ética puramente instrumental... não só possibilita a pobreza (e a desigualdade), como também a legitima.

Por conseguinte, nesta «ética liberal ou neoliberal», a economia desassocia-se dos valores e do objectivo do bem comum, o mesmo acontecendo na esfera política. Como afirmava Maquiavel na sua conhecida obra *O Príncipe*, os campos da ética e da política são autónomos e independentes. Daí nasce um indivíduo cuja relação com o mundo social se mede pela capacidade de acumular e comprar, pelo consumismo e bem-estar individual, pelo nível ou estatuto a alcançar, pelo nível de competitividade e valia «intelectual» ou de influência «poderosa» de controlo sobre os outros.

1.4_ A RELAÇÃO ENTRE O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

Contra a *ética do indivíduo* está a *ética humanista* ou *ética social*, onde o ser humano se torna o centro da acção dirigida para a sociedade. A economia assume, assim, outra dimensão ou função, transformando-se, de facto, no veículo que transporta a partilha de bens e riquezas de forma igualitária, cobrindo as necessidades básicas de toda a sociedade. De acordo com este conceito ético, a política transforma-se na garantia do bem comum e no executor da Justiça Social, o que inviabiliza o princípio de que «política e ética são autónomas e independentes». É este princípio maquiavélico levado à sua extrema impiedade que está a permitir a loucura do mundo e a injustiça de um sistema que não se mantém «ETICAMENTE».

Se analisarmos a nossa experiência partilhada, descobriremos como nos construímos com outros, crescemos em família, pertencemos a um grupo de amigos, temos colegas de trabalho, participamos em sindicatos e várias associações, aprendemos em grupos diferentes, saímos e divertimo-nos em grupo, partilhamos realidades colectivas que dão forma a modos e procedimentos, comportamentos e crenças, atitudes e valores, moldando os nossos e transferindo-os para os outros. É nesse contexto que podemos planear os futuros, melhorar os presentes e que podemos ajudar a elevar as consciências de todos, participando activamente no interesse pessoal e comunitário.

1.5_ A SÍNTESE CRIATIVA

Estas reflexões devem abrir-nos as portas da consciência e ajudar-nos a compreender que não é necessário competir entre o individual e o social e entre o pessoal e o colectivo:

TORNA-SE necessário procurar a Síntese entre ambos os processos. O social não pode anular o individual. O pessoal não pode estar acima do colectivo. SOU na medida em que me reconheço nos OUTROS. Eles SÃO na medida em que os reconheço em MIM. Ambos, SÃO e SOU, dependem um do outro e devem estabelecer uma verdadeira SIMBIOSE, sem que SÃO e SOU desapareçam em nenhum dos dois. Chamaremos a este processo de síntese interna SÍNTESE CRIATIVA, visto requerer um elevado nível de criação pessoal e de contributo social criativo.

Tentaremos apresentar algumas sugestões de possíveis processos para nos aproximarmos dessa **SÍNTESE CRIATIVA**, o que nos conduzirá inevitavelmente à «verdadeira» **ÉTICA da VIDA**. Esta ética leva-nos a reconhecer o ser humano acima de toda a «lógica racionalista liberal» e conduz-nos ao fundo da essência da própria VIDA. Para sermos UM, precisamos do OUTRO: o Um não nasce se não existirem Dois. Sou Único, Original, Irrepetível, Insostituível. **Sou Ser Individual** e específico. Mas também **Sou Ser Social** em termos de aprendizagem, de sentimentos e emoções, de co-responsabilidade, de socialização criativa, de linguagem e comunicação, de normas e construção, de participação e aprendizagem. Sou PESSOA na medida em que Sou ser individual e ser social. Construo a minha personalidade em Síntese com ambos. Sou metade Indivíduo, metade Comunidade. O excesso

de Um prejudica o Outro. O protagonismo excessivo do OUTRO empobrece UM e, conseqüentemente, o Outro. Um e Outro são dependentes entre si, numa SÍNTESE CRIATIVA e equilibrada. Num equilíbrio ético onde não se geram os monstros que já conhecemos na história desta humanidade em ambos os sentidos: o culto excessivo do individualismo no liberalismo e no neoliberalismo e o culto excessivo do colectivo no comunismo e no fascismo.

Como construir esta Síntese Criativa nas nossas realidades quotidianas e neste mundo «globalizado» em que nos calhou viver?

Ernesto Cardenal, na sua maravilhosa obra poética «Cântico Cósmico», define-o assim:

*«...O todo está inteiro em cada uma das suas partes
Como o viram os místicos
e não apenas a elite dos místicos.
O Todo em cada Um e cada Um no Todo.
União que será o fruto da árvore da vida.
Colectividade de consciências, consciência colectiva
ou superconsciência
Um destino extraplanetário.
Átomos espirituais?
Hominização até da própria morte
nas palavras do místico paleontólogo.
Já o todo confundido com o Todo,
e as pessoas com a Pessoa
num Todo que é Pessoa
e Pessoa que é Amor...»*

Ernesto Cardenal

2_ SER VOLUNTÁRIO PORQUÊ?

NÃO PRETENDO aqui entrar em conceptualizações profundas sobre o voluntariado, nem sequer apresentar uma breve lista das diferentes definições actualmente existentes. Tenho duas razões simples para essa decisão: em primeiro lugar porque já se escreveu muito sobre o assunto⁽²⁾ e, em segundo lugar, porque, presentemente, este constructo linguístico conceptual, ou aspecto teórico-prático, está aberto ao debate, à «redefinição» e à «reestruturação». Ou seja, pouco ou nada do que possa aqui definir será provavelmente válido dentro de alguns meses ou um ano. Não é, portanto, o momento adequado para fazer afirmações veementes e excludentes sobre o que é ou deve ser um voluntário, ou sobre o que é ou deve ser o conjunto do voluntariado, porque a realidade nos diz que NÃO É POSSÍVEL. E é assim porque podemos verificar, a menos que aprofundemos um pouco, a diversidade de opiniões encontradas, a variedade prática de procedimentos e intervenções, as diversas presenças contraditórias das organizações e administrações, os novos «voluntários aparecidos», os serviços municipais de voluntariado, os voluntários «individuais», etc. Definitivamente, **o termo «voluntariado» está em crise, sobretudo no que se refere à sua aplicação pragmática e à compreensão de definições na sua busca de espaço e identidade social.**

Não pretendo desta forma ignorar o assunto nem deixar de lado algumas questões que se querem esclarecidas, porque na área da Solidariedade e da Acção Voluntária não podem existir incertezas nem meias palavras. Nos dias que correm, há coisas que devem ser afirmadas com veemência, porque o que SIM, é Verdade, é que o que SIM, SABEMOS com clareza, pelo menos nós, que estamos envolvidos na acção solidária, é que **PODEMOS DENUNCIAR o que não é ou não deve ser o Compromisso Solidário e a Acção Voluntária.** Neste sentido, podemos felicitar-nos pelos esforços mais recentes de uma grande parte das organizações que souberam expressar, através de um público e aprofundado Código Ético⁽³⁾ altamente consensual e claramente formulado, uma importante referência «moralizante e minuciosa» dos «quefazer» associativos em geral e dos comportamentos e compromissos do voluntariado em particular. Fizeram-no de modo a deixar claro que «não vale tudo» na acção empenhada e solidária do voluntariado e no «quefazer» e nas presenças das organizações sociais.

No capítulo III do seu livro *Cartografía del Voluntariado*, Luis Aranguren explica-o de forma muito clara. Alerta-nos para o facto de «as novas condições culturais em que vivemos e que, desde a mudança de época até à nossa instalação na sociedade de riscos, passando pelo desprendimento vital de muitas pessoas, afectam, sem dúvida, as disposições, atitudes e motivações das pessoas voluntárias. Hoje falamos frequentemente de

(2) Cadernos da colecção La Acción Voluntaria da PPVE. Manual de Formación de Formadores, PVE. Voluntariado. Livro 104, Documentación Social, Cáritas. Solidaridad y Voluntariado, de Joaquín García Roca. Sal Terrae. Cartografía del Voluntariado, de Luis Aranguren. P.P.C., Etc.

(3) Ver Código Ético de las Organizaciones de Voluntariado. PPVE.

um voluntariado «light», reflexo da pessoa «light» que protagoniza a nossa pós-modernidade e da qual todos fazemos parte.». O autor aprofunda ainda mais estes perigos, que vivemos já nos dias de hoje, quando afirma que «o voluntariado desejável e empenhado com o qual sonhamos não só terá de enfrentar as ameaças vindas do exterior sob a forma de ideologias, quer neoliberais, conservadoras ou progressistas (...), como também do interior das organizações, dada a pluralidade de intervenientes que, a partir de várias situações pessoais, ambientais, mediáticas e globais, querem fazer parte desta esfera solidária.»⁽⁴⁾.

2.1 _ À PROCURA DE RESPOSTAS

Tudo isto nos levanta várias interrogações, pelo que vos convido a fazerem este exercício tanto nos grupos onde estão inseridos como a nível pessoal. Este poderá ajudar-nos a entender melhor o que fazemos e a descobrir, sem medos nem juízos de valor, as nossas verdadeiras motivações e razões para participar no compromisso solidário, através das seguintes perguntas:

UMA MODA? Um «quefazer» transformador? Uma mudança de comportamentos? É a consequência lógica da assunção consciente das co-responsabilidades sociais? É o resultado do aumento da consciencialização dos indivíduos e dos grupos humanos? É o produto de uma melhor participação social? É a confirmação da confiança na evolução das democracias «ocidentais» para verdadeiras democracias participativas? Amortecedor das desigualdades e justificação de consciências «desinquietas»? Preencher os vazios existenciais ou as «solidões» sociais?

Ainda assim, devemos manter-nos cientes de que cada um de nós tem as «suas razões» para estar onde está e para fazer o que faz no mundo do Voluntariado. Cada um tem vários motivos para querer comprometer-se ou para se sentir comprometido. Todos, quase sem exceção, formulamos razões ideais, positivas, sociais, «desinteressadas», construtivas, que nos deixam «bem» perante os outros ou perante a maioria. No entanto, também quase todos temos outras razões reais mais ocultas, menos «desinteressadas», que não queremos manifestar de forma tão clara, porque não sabemos fazê-lo, não podemos, temos dificuldades ou «medos» em expressá-las, não são «bem vistas», não estão interiorizadas ou porque não dispomos dos mecanismos necessários.

(4) Aranguren Gonzalo, Luis A. Cartografía del Voluntariado. Edit. PPC. Madrid 2000. pp. 79-80

2.2_ RAZÕES IDEAIS

«...Ser útil, transformar a realidade, mudar as estruturas injustas, reivindicar mais justiça social, crescer em solidariedade, ser melhor pessoa, encontrar-se interiormente, lutar pelo bem comum, todos somos iguais e irmãos, partilhar o que sei.»⁽⁵⁾

E todos aqueles outros motivos «idealistas», «utópicos» que queiramos ir acrescentando e que podem derivar do mundo das ideias, das crenças, da ética ou da moral, da Fé ou da política, da cultura ou da educação recebida. Estas são as razões «ideais» manifestadas no compromisso do voluntariado. São razões públicas e partilhadas por todos. São aquelas que se expressam sem medos nem subterfúgios. São aquelas que se expressam e se escrevem nos tratados e nos livros sobre Voluntariado. São aquelas que se explicitam nas fichas preenchidas nas associações ou gabinetes de acolhimento de voluntários. São aquelas que se têm em conta na hora de avaliar os compromissos, a acção ou os serviços realizados e se o que está a ser feito corresponde a essas mesmas razões. Mas esta não é toda a verdade, há muitas outras razões não manifestadas que são mais «autênticas», mais «verdadeiras» e que se escondem ou disfarçam por diferentes motivos. Isso condiciona a satisfação no grupo ou o sentido de êxito nas tarefas.

2.3_ RAZÕES REAIS

«...Ocupar o tempo livre, sentir-se útil e bem, fazer algo pelos outros e por mim, interesse profissional, não ficar em casa sem fazer nada, relacionar-se com os outros, os amigos estão lá e eu não quero estar sozinho(a), por curiosidade, por estar a passar por uma depressão (terapia), por ser novidade, pela família...»⁽⁶⁾

Se formos sinceros connosco próprios, descobriremos que os motivos acima referidos, entre muitos outros que não descrevi aqui, são os motivos «reais» ou «verdadeiros» que nos levam a disponibilizar o nosso tempo e esforço para o compromisso como voluntários. Motivos que nem sempre são expostos com clareza e que estão a determinar os verdadeiros êxitos ou fracassos do que fazemos, adequando ou filtrando, dessa forma, os resultados dos serviços ou programas dos lugares onde estamos e do tipo de apoio ou acompanhamento que prestamos na organização e na acção com que nos comprometemos. São sentimentos internos que ficam por explicar e que, no fundo, nos levam a sentir-nos melhor ou pior na medida em que essas verdadeiras razões se escondem ou cumprem. São os reforçadores da «vida emocional» activa que nos movem e nem sempre se expressam. Luis Aranguren, na sua obra

(5) Contributos retirados do resumo do workshop «Compromiso Inicial del Voluntariado de la VI Escuela de Otoño», da PPVE. Málaga. Outubro de 2001.

(6) Contributos retirados do resumo do workshop «Compromiso Inicial del Voluntariado de la VI Escuela de Otoño», da PPVE. Málaga. Outubro de 2001.

atrás mencionada, revela-nos que «somos seres carenciados, inacabados e que, portanto, é na acção, na tentativa e, sem dúvida, na experiência que nos fazemos e construímos como pessoas...»⁽⁷⁾.

Se acreditarmos realmente nisso, se o analisarmos sem rodeios e nos observarmos sem máscaras nem lentes distorcidas, nus em frente ao espelho, compreenderemos melhor o que fazemos e analisaremos melhor os nossos motivos sinceros, que não são melhores nem piores, apenas SÃO. É a partir daí, desse ponto inacabado e do processo de construção que SOMOS, que podemos ir acrescentando os outros motivos, as outras razões que possam ir alargando definitivamente as nossas consciências, a socialização e a solidariedade (solidão sólida partilhada) para nos construirmos como **SER PESSOA**.

2.4_ A CONSTRUÇÃO DA SÍNTESE

Não é necessário confrontar umas razões com as outras, basta apenas estarmos cientes delas. Parar para reflectir sobre as verdadeiras razões e assumir uma atitude de integração e reestruturação das mesmas. Um comportamento por si positivo não deve provocar-nos pesos de consciência nem sentimentos de culpa, mas sim clareza e responsabilidade. É necessário tomarmos consciência de porque se está e se faz o que se faz. Tomar consciência de que nem tudo é «pureza de intenções» e que as «impurezas» podem ser reestruturadas e transformadas sem rejeições sem sentido nem falsas verdades. Torna-se necessária uma **SÍNTESE CRIATIVA** que não deixe nada de fora, facilitando assim um «**âmbito de compreensão**» que melhoraria em muito toda esta descoberta. Luis Aranguren, na sua Cartografía del Voluntariado, apresenta-nos interessantes aspectos-chave que podem ajudar-nos a montar melhor este gigantesco puzzle que é o voluntariado. O autor fá-lo de acordo com três aspectos básicos: o antropológico, o ético e o sociológico e, a partir daí, coloca-nos desafios que nos podem ajudar a reorientar todo o processo:

«**O desafio antropológico** no mundo do voluntariado manifesta-se através da necessidade de criar um novo humanismo onde seja visível o desenvolvimento de indivíduos autónomos ligados entre si e orientados para um imaginário colectivo justo e solidário.»⁽⁸⁾ Podemos ir respondendo a este desafio desde que tenhamos em conta as nossas próprias possibilidades e as possíveis «bases desta nova subjectividade de cunho humanista». Com base no modelo de Luis Aranguren, podemos definir as seguintes:

(7) Luis Aranguren, Cartografía del Voluntariado. op. cit. p. 91.

(8) Luis Aranguren, Cartografía del Voluntariado. op. cit. pp. 82-128.

- _ **«Recuperar a nossa águia/galinha»**, ou seja, os nossos extremos, as nossas contradições, as nossas dualidades ou dupla forma de ver as coisas, para não criar falsas «esquizofrenias» e obter em nós a necessária reconciliação destes dois extremos existenciais.
- _ **«Desmistificar a esfera do eu»**, evitando cair em simplismos fáceis e subjectivos do eu, confundindo-os com os excessos do egoísmo ou do individualismo. Devemos procurar atribuir-lhe o seu verdadeiro valor, ou seja, relacioná-lo com tudo aquilo que tenha a ver com a realização e a felicidade pessoal ou com a autonomia e a consciencialização existencial.
- _ **«Cultivar a experiência na acção»**, afastando-nos do activismo e do fazer as coisas sem as integrar na «experiência» do que se vive como ferramenta de aprendizagem.
- _ **«Procurar o lugar antropológico»** para nos colocarmos no meio de uma voragem de acontecimentos que já nos domina. Os voluntários precisam de experimentar a sua identidade pessoal antropológica, dar sentido à sua vida no sentido da modernidade e sentir-se reconhecidos e soberanos no seu «quefazer» quotidiano e solidário.
- _ **«Nova auto-compreensão da vontade»**, que vai para além das próprias motivações, chegando mesmo a mudá-las quando necessário. Compreender a vontade como impulsionadora da mudança na nossa relação com o social e do nosso «quefazer» na vida permitir-nos-á superar o reducionismo de atribuir tudo à motivação ou à falta da mesma nas nossas acções ou inacções. Luis Aranguren, Carlos Díaz, Zubiri ou J.A. Marina abrem-nos as portas para essa discussão. Não deixemos de os consultar⁽⁹⁾.
- _ **«O exercício da liberdade»** vivificante e superador das restrições da realidade actual permite-nos viver o referido exercício a partir da acção/reflexão que nos leva a descobrir a nossa individualidade e a capacidade de decidir o motivo e a finalidade das nossas decisões.

«O desafio ético (...) consiste em voltar a memorizar a disposição inicial dos que trabalham na área do voluntariado. Para isso devemos recuperar a acepção de Ortega y Gasset da moral como um eixo, não como uma adição, mas sim como um saber estar no eixo da questão, sem cair em desequilíbrios que favoreçam quer o eticismo, quer o

(9) Op. cit. Luis Aranguren, Cartografía del Voluntariado. pp. 95-99. | Marina, J.A. El misterio de la voluntad perdida. Anagrama. Barcelona 1997. Pág. 16. | Zubiri. Sobre el sentimiento y la volición. Alianza. Madrid. 1992. pp. 61-63. | Díaz, Carlos. Yo quiero. San Esteban. Salamanca. 1991. p. 124

amoralismo. O desânimo, o cansaço e as pressas conduzem a uma desarticulação pessoal pouco desejável.»⁽¹⁰⁾ Luis Aranguren sugere-nos duas chaves para entender o processo desta nova moralização, às quais chama formação de vida e realização de estratégias educativas. Numa última instância, desenvolve propostas que podem contribuir para otimizar aquilo a que chama voluntariado de máximos e voluntariado de mínimos. Voluntariados que surgem da compreensão de uma ética de máximos (como ser feliz) ou uma ética de mínimos (como construir uma sociedade mais justa), que constituem as referências básicas em torno das quais podemos descobrir e reestruturar os nossos próprios compromissos através da medição dos resultados conseguidos com os mesmos.

«**Desafios do ponto de vista sociológico**», do mesmo modo «que as novas circunstâncias sociológicas culturais regidas pelo império da globalização económica, a aceleração histórica, a revolução tecnológica e a falta de enraizamento existencial distorceram a tensão transformadora do voluntariado de acção social, devemos procurar descobrir as oportunidades exigidas pela nova situação»⁽¹¹⁾. Desafios nada simples, mas que é necessário enfrentar para poder rentabilizar melhor o que se faz e recuperar o possível e necessário neste presente com que nos comprometemos.

É necessário recuperar o melhor de cada tradição para favorecer políticas emancipadoras adequadas, destinadas a construir uma sociedade mais justa e igualitária, baseadas na Justiça social e na criação de estruturas solidárias, respeitando as diferenças e homogeneizando as liberdades, a justiça e os direitos e deveres de todos perante a vida comum que partilhamos.

Há que defender a utopia face à crise ou à inexistência destas políticas emancipadoras. Devemos fazê-lo sem medo nem vergonha. Ao recuperarmos a utopia, não perdemos as referências e tentamos procurar a Luz que se encontra para além dos horizontes enganadores oferecidos por este mundo esférico. E isso deve ser feito sem falsos idealismos. Sem fugir à realidade tal como ela é. Sem planear acções impossíveis. Mas também sabendo que a mudança é possível. Que um mundo mais Justo é possível. Que o sonho pode tornar-se realidade se nos empenharmos e tivermos consciência de que tudo o que hoje existe começou por ser uma **IDEIA**.

Não sei se consegui dissipar algumas dúvidas ou se criei mais algumas. Seja qual for o caso, não importa. O importante é manter a dúvida em aberto, porque não há receitas mágicas nem respostas definitivas. Apenas tentativas de esclarecimento. De procurar e consultar outros autores. De contextualizar alguns conceitos. De os discutir em grupo. De falar deles com outras pessoas. O que realmente importa é não nos determos nas

(10) Cf. Luis Aranguren, Cartografía del voluntariado, pp. 104-111

(11) Cf. Luis Aranguren, Cartografía del voluntariado, pp. 125-128

tentativas de respostas aqui dadas, mas sim procurar, a partir da honestidade e sinceridade activa, aquelas que possam descobrir nos vossos grupos, as que assumam no vosso interior e as que construamos entre todos.

Na VI Escola de Outono da PPVE (Málaga, Outubro de 2001) e no workshop que coordenei sobre o Compromisso Inicial do Voluntariado, criei com os participantes um conjunto de quadros e esquemas que, no nosso entender, sintetizava todo o esforço de debates e reflexões realizados durante as jornadas de trabalho. A partir desses esquemas, consegui criar um que os englobasse a todos e que apresento aqui para facilitar a compreensão visual e esquemática de tudo o que referi anteriormente. Não sem antes citar umas palavras de Thomas Merton:

«Quando os homens são submersos numa massa de seres humanos, impessoais, impulsionados pelas forças automáticas, perdem a sua genuína humanidade, a sua integridade, a sua capacidade de amar, a sua idoneidade para a autodeterminação. Quando a sociedade é composta por homens que não conhecem nenhum tipo de solidão interior, não é possível que seja aglutinada pelo amor e, conseqüentemente, é sustentada por uma autoridade violenta e abusiva; mas quando os homens são violentamente despojados da solidão e da liberdade que constitui o seu património, a sociedade em que vivem torna-se pútrida, derrama servilismo, ressentimento e ódio.»



3_ A MOTIVAÇÃO

«A motivação é a vontade de exercer um nível de esforço persistente e elevado com o objectivo de atingir metas organizacionais, condicionada pela capacidade do esforço para satisfazer uma necessidade individual.»

S. P. Robbins

«A actividade própria do homem não é meramente mental, precisamente porque o homem não é uma mente isolada. O nosso destino é viver o que pensamos, uma vez que, a menos que vivamos o que conhecemos, nem sequer chegaremos a conhecê-lo. Apenas quando fazemos com que o nosso conhecimento faça parte de nós, mediante a acção, entramos na realidade a que dão significado os nossos conceitos.»

Thomas Merton

3.1_ REFERÊNCIA DE CRESCIMENTO E APRENDIZAGEM

Quais são os motivos para crescer e aprender? Para ter amigos ou estar só? Para estudar, trabalhar ou assumir um compromisso com tarefas solidárias? Motivação deriva de motivos ou do termo latino movere. No entanto, estar motivado não é só ter motivos, mas sim ter estímulos ou manter o ânimo enquanto se faz o que se faz. Mas hoje ninguém duvida disso: a motivação é o veículo que apanhamos para ir de um lugar para outro. São os sapatos que utilizamos para caminhar pelos altos ou baixos da vida. São os instrumentos que reforçam os nossos comportamentos, acções e compromissos. São as ideias compreendidas e interiorizadas que nos dão força para continuar a lutar, «apesar dos pesares». Adquirimos a aprendizagem e o conhecimento por sabermos que, com eles, teremos muito mais rendimento no nosso trabalho ou nos nossos compromissos e porque podemos ser melhores nas nossas acções.

A motivação transforma-se, assim, numa referência de crescimento pessoal e num estímulo para a aprendizagem. Numa espécie de talismã que todos usamos para animar processos, criar tecnologias, obter os reforços adequados ou procurar a forma de nos enchermos de «razões» para mantermos o ânimo naquilo que fazemos. Mas, apesar de tudo, não devemos esquecer que nada disso funcionaria se não pusermos em prática a nossa vontade, a vontade que nos faz mexer, levantar, acordar ou caminhar, ir para o trabalho ou para a

escola... É o nosso «querer fazer» e o que fazemos. É o nosso «devemos», «podemos» e «fazemos» porque assim o ordenamos de forma volitiva. Posteriormente, ao unirmos os estímulos adequados, os ânimos suficientes e os reforços positivos mais convenientes, fá-lo-emos melhor ou pior, ou obtemos melhores resultados, consoante tenhamos adquirido mais ou menos conhecimentos, desenvolvido competências e acumulado experiência.

3.1.1_ BREVE ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nos últimos anos, as investigações sobre o comportamento humano revelaram que as pessoas se sentem motivadas por uma série de necessidades diferentes, tanto no trabalho como na vida pessoal ou social. Reconhecê-las e satisfazê-las ajudá-las-á a obter os melhores resultados.

Assim, não é de estranhar que a maioria dos estudiosos e peritos nos processos de comportamento humano (neurofisiologistas, cognitivistas, psicólogos, pedagogos...) tenham convergido para a definição de motivação como a vontade de agir. Ou, como diria Maslow (grande precursor e estudioso da motivação humana), é a força ou impulso que leva um indivíduo a dar respostas a todas (ou quase todas) as suas necessidades humanas: fisiológicas, de segurança, de afecto e afiliação, de estima e de auto-realização, e que o autor estrutura e ordena – de baixo para cima, por esta ordem – através da famosa pirâmide hoje conhecida com o seu nome: a pirâmide de Maslow, que parte de dois tipos de motivações, as de défice e as de crescimento⁽¹²⁾.

Em tempos passados, ter-se-ia entendido que a motivação provinha do mundo exterior. No entanto, os resultados dos estudos dos investigadores sociais e de desenvolvimento organizacional permitiram concluir que cada pessoa é motivada por impulsos diferentes. Tradicionalmente, acreditava-se que os processos motivacionais seguiam uma única direcção: de cima para baixo. O líder tinha a obrigação de motivar os seus subordinados. Esta realidade mudou completamente nos últimos tempos. As pessoas que ocupam cargos nos níveis estratégicos de qualquer organização devem estabelecer um processo de comunicação que implique a partilha de ideias e o entusiasmo em torno do trabalho a desenvolver. Os «líderes» bem sucedidos devem utilizar a motivação para fazer com que todas as pessoas nas suas respectivas áreas de influência colaborem e cooperem entre si. Além disso, hoje podemos afirmar que qualquer acção interactiva e de igualdade que se produza na acção associativa melhora as relações humanas e, por conseguinte, favorecerá o aumento da motivação na acção e no compromisso. Quanto mais satisfatória a relação, melhor será o resultado.

(12) Maslow, A.H. Motivación y Personalidad. Sagitario. Barcelona. 1963

3.1.2_ TÉCNICAS OU FERRAMENTAS

Se forem os impulsos vindos do interior («pulsões») e os estímulos recebidos do exterior (reforços) que dão identidade à motivação e, além disso, a possibilitam, torna-se necessário conhecer e dominar todas as técnicas **facilitadoras da motivação** que a psicopedagogia colocou à disposição das pessoas e da educação.

O voluntariado e as suas organizações precisam destas técnicas e ferramentas para poderem, ao pô-las em prática, melhorar a relação interpessoal do voluntariado e da acção social que desempenha. Serão as realidades pessoais, as identidades associativas e os ambientes sociais... que determinarão se há técnicas mais adequadas do que outras. O importante é que devemos conhecê-las e saber como funcionam para que saibamos sempre quais, como e onde aplicá-las. Trata-se de ferramentas metodológicas que podem ajudar a melhorar processos de construção e crescimento das pessoas em geral e dos voluntários em particular.

3.1.3_ AS DERRADEIRAS MOTIVAÇÕES

Antes de explicar algumas das referidas técnicas, é necessário ir ao fundo das «derradeiras» motivações, chegar mais perto das razões MAIS PROFUNDAS do nosso espírito. As que fazem bater o coração. As que fazem parte daquilo a que podemos chamar opções «impulsionadoras» e que, mais do que motivações ou opções, são «sentimentos da alma». A maioria destes motivos, ou movimentos mais profundos do Ser, fazem parte das emoções e dos sentimentos, pelo que se tornam muito difíceis, se não impossíveis, de constatar, comparar e avaliar. Pertencem à Consciência de cada pessoa e são elas que comprometem o Ser que Somos com a VIDA em que Existimos. Esses motivos ou movimentos internos do SER devem ser alimentados para que possamos continuar a Ser e a Existir.

Há alguma coisa aparentemente mais estéril e inútil que a imensidade da massa dos glaciares? E, contudo, sem a sua necessária actividade, a vida teria desaparecido há muito tempo nos vales e nas planícies. Em contacto com os picos glaciais, que se crêem mortos, o ar purifica-se, refresca-se e volta a descer.

3.2_ PROCESSOS E TÉCNICAS: A SAFPASIC

Os processos para promover a motivação são diversos. Cada situação, pessoa ou grupo precisa de descobrir os seus. O mais importante é assumir uma atitude nesse sentido. Não obstante, tentaremos, ainda que de forma simples e breve, apresentar ferramentas que podem ser partilhadas por todos no «quefazer» do voluntariado e das organizações sociais. Estas ferramentas podem funcionar como referências para continuar a aprofundar a necessidade de as conhecer mais a fundo e de adquirir experiência e competências na sua aplicação prática. Tentei agrupar as que aqui refiro e enumero sob a designação SAFPASIC, que escolhi por corresponder às iniciais de cada um dos momentos vividos pelos voluntários no seu percurso como tal. Através delas procurarei explicar as técnicas ou aspectos a ter em conta em cada um desses momentos ou passos do seu percurso.

3.2.1_ SENSIBILIZAÇÃO-ACOLHIMENTO

O ponto de partida deve ser a sensibilização inicial do voluntário que chega. Há que saber iniciar boas campanhas de sensibilização e contribuir com movimentos para o compromisso. Não só para captar pessoas voluntárias, mas também para ajudar a elevar a consciencialização dos Outros, ou seja, do resto da sociedade ou do ambiente mais imediato.

É muito importante saber acolher os voluntários quando chegam pela primeira vez à associação. Muitas vezes depende das formas, dos modos ou dos estímulos apresentados no primeiro momento, a vontade de avançar dos que chegam pela primeira vez, a sensação de que encontraram aquilo que procuravam.

DIZER a palavra adequada; saber olhar nos olhos de quem chega; criar pontes de cordialidade; aplicar os mecanismos da empatia social e ética; colocar as perguntas adequadas; tomar nota sem burocratizar nada...

A motivação deve ser uma constante em todas as aprendizagens e compromissos sociais, sobretudo na fase inicial de quem quer entrar no mundo do voluntariado. Tendo em conta esta referência, destacamos como motivadores, entre outros, os seguintes aspectos:

- _ fazer com que as aprendizagens previstas, ou a formação inicialmente planeada, tenham utilidade imediata a curto e médio prazo;

- _ propor tarefas iniciais de realização possível, em que não se fracasse ou em que o êxito pretendido esteja muito longe de ser compreendido desde o início;
- _ apresentar a informação de forma clara, esclarecendo dúvidas e explicando os direitos e alguns deveres;
- _ deixar claro que a pessoa terá a ajuda necessária para concluir com êxito as tarefas programadas ou os compromissos assumidos. Há que tentar evitar o medo inicial. A pessoa deve sair com a certeza de que não dará sozinha esses primeiros passos;
- _ conhecer e utilizar técnicas de animação e dinamização apelativas nas reuniões iniciais e de avaliação;
- _ criar um ambiente estruturado em que a pessoa se sinta bem;
- _ fazer mudanças gradualmente, para que a pessoa possa ir participando de forma sincera, de acordo com as suas capacidades e atitudes;
- _ felicitar ou recompensar os seus avanços; acreditar firmemente na pessoa e nas suas capacidades e utilizar os seus interesses ou desejos (por pouco que seja, haverá sempre algo que lhe interesse).

Para poder aplicar todos estes princípios de forma adequada, é importante haver alguém responsável pelo acolhimento dos novos voluntários que se aproximam e querem comprometer-se. Por outro lado, esse responsável deve ser apoiado, ajudado e aconselhado por outros, que podem ou não pertencer à mesma organização.

3.2.2_ FORMAÇÃO-PARTICIPAÇÃO

A motivação tem muito a ver com o sentimento de segurança na utilização do conhecimento e dos «saberes» adquiridos e na forma e competências aplicadas no momento de os utilizar ou explicar. É necessário, como afirma Luis A. Aranguren, ajudar a tomar consciência da importância dos Itinerários Educativos do Voluntariado⁽¹³⁾ ou da necessidade de uma formação inicial e permanente que responda às necessidades, vitalidades e realidades de cada indivíduo. Isso não significa que não se façam propostas comuns e se organizem actividades conjuntas para

(13) Luis A. Aranguren Gonzalo, Os Itinerários Educativos do Voluntariado. PPVE. Coleção «A Fuego Lento». N.º 1.

muitos outros que possam beneficiar dos momentos de formação previamente programada. É, pois, necessário contribuir com meios e recursos para a formação dos voluntários. Fazer com que a formação e o conhecimento se interrelacionem entre as organizações e os indivíduos, criando redes e promovendo a intercomunicação.

Além disso, naturalmente, como já foi dito no início do presente capítulo, a motivação tem muito a ver com o nível de envolvimento e de participação dos voluntários nas tarefas programadas, nos processos da associação, na elaboração e realização de projectos e no cumprimento de objectivos. Jully Rodríguez afirma-o de forma muito clara no seu livro «Acompanhamento na Acção», quando refere que «o acompanhamento afecta todos os aspectos, pelo que as próprias organizações podem sofrer transtornos e crises. É, para muitos, uma questão assustadora, sobretudo se implicar perda de poder e de controlo na organização. No entanto, é também uma oportunidade para **tornar real a participação** e o **exercício da cidadania**. É um indicador, um sintoma da saúde da nossa organização, de que os processos estão a ser transformadores.» (...) e «para que os voluntários possam realmente ir adquirindo responsabilidades, autonomia, capacidade de decisão e ir aprendendo a participar, devem encontrar no animador ou animadora uma pessoa tão 'pouco perfeita' como eles próprios (...) partilhar os seus medos, frustrações e alegrias torna-o mais autêntico e mais próximo na relação.»⁽¹⁴⁾.

Ou seja, a nossa motivação é reactivada quando nos sentimos integrados e em igualdade de circunstâncias com os outros, quando vamos descobrindo que as outras pessoas não são tão perfeitas como pensávamos. Ou quando nos abrem as portas sem subterfúgios e nos mostram, com clareza e transparência, o que se faz, se vive e se organiza no grupo ou associação onde estamos presentes ou envolvidos.

Será assim na medida em que essa descoberta não implique uma distorção pessoal e uma contradição no nosso modo de pensar, pois talvez tenhamos podido «endeusar os mais empenhados» ou permitido que eles próprios se tenham «endeusado» demasiado (questão grave no campo da metodologia interactiva e solidária), porque nesse caso fecham-se as portas, impede-se a entrada da luz e escurece-se a acção e o empenho dos que se tentam aproximar. O mesmo pode acontecer porque alguns de nós podem ter uma tendência individual para menosprezar o que é e a desprezar o seu próprio trabalho, questão que é necessário detectar e saber melhorar de forma adequada. E isso deve ser feito porque, acima de tudo, nos pode afastar do verdadeiro processo motivacional que nos é proporcionado por esse protagonismo sincero e real. Não há dúvida que nos estimulará bastante o facto de experimentarmos o sentimento de sermos «importantes» e «soberanos», porque tal contribuirá para a satisfação na acção e para o sentimento de pertença que todos devemos sentir e viver sem excessos nem medos... Com prudência, fazendo bem as coisas e partindo das associações e dos outros voluntários «peritos ou responsáveis»,

(14) Jully Rodríguez Rodríguez, Acompanhamento na Acção – A Figura do Animador ou Animadora de Voluntariado PPVE. Colecção «A Fuego Lento». N.º 2., pp. 25 e 38.

deve planear-se, proporcionar e facilitar esse estímulo tão importante para os indivíduos. Ao negá-lo, estaremos a rejeitar a possibilidade de aplicar a Síntese Criativa no interior das próprias associações, o que, por sua vez, fará aumentar as esquizofrenias dos processos pessoais de muitos voluntários e de bastantes associações.

3.2.3_ APOIO-SEGUIMENTO

«... As pessoas que fazem parte de um grupo têm necessidades individuais diferentes das do grupo propriamente dito, mas é indispensável que sejam integradas pelo líder. Este deve adoptar uma estratégia para equilibrar as necessidades colectivas e individuais. O líder e os seus colaboradores mais próximos devem ter em conta que, se a equipa atingir os objectivos, é possível que cada pessoa consiga satisfazer as suas necessidades individuais...»⁽¹⁵⁾ O texto aqui referido foi retirado de uma conferência a que assisti sobre formação de líderes de grupo nas estruturas organizativas das empresas modernas, embora possamos aplicá-las ao trabalho dos grupos sociais com as devidas adaptações ao nível dos conceitos e dos objectivos. Isso significa que devemos tentar personalizar o apoio aos voluntários e não generalizar o tipo de seguimento que deve ser dado a cada um. Não se pode, nem se deve, homogeneizar o apoio, pois não faz sentido fazê-lo com pressa nem de qualquer maneira. É preciso fazê-lo correctamente se quisermos obter os resultados adequados, nomeadamente fazer com que o voluntário sinta que está a ser apoiado. Que está a ser acompanhado na sua acção. Que alguém o ajudará a responder às suas dúvidas e a corrigir os seus erros. E que esse apoio e seguimento provém do grupo em que participa, de cada uma das pessoas que formam o grupo e, especialmente, do responsável ou animador, porque, para além de ser «o companheiro», é «o seguidor» do meu processo de compromisso e crescimento individual na minha construção voluntária da solidariedade.

No entanto, tal não pode ser deixado à improvisação, ao voluntarismo ou à boa vontade de muitos animadores ou grupos de voluntários que se iniciam na acção solidária. É importante preparar programações responsáveis dos grupos de voluntários que se iniciam na acção solidária. É importante preparar programações adequadas. Planear convenientemente o trabalho a realizar. Elaborar e criar fichas de seguimento individualizado e de grupo. Organizar estratégias de diálogo e de encontro. Concretizar momentos e definir datas e horas para as reuniões de grupo ou os encontros individuais. É muito importante que tudo isto seja considerado como mais um aspecto do trabalho a realizar ou da acção a empreender. Não como uma actividade de tempos livres, o «logo se vê», o «será feito quando possível», o «havemos de combinar», o «vamos deixar isso para o mês que vem», o «agora não temos tempo»... porque então é possível que o mês que vem ou a próxima vez nunca cheguem. Dessa forma, goramos

(15) Chichi Páez. Técnico de «Gestão em Acção» e autor de artigos em vários meios de comunicação da América Latina, sobretudo nas áreas da motivação e do mundo laboral. É também colaborador de PME da República Dominicana.

expectativas, desmotivamos as pessoas e não nos ajudamos a nós próprios a avançar na socialização da vida. Voltamos a dar sentido às expressões populares e tão sábias que dizem que «a árvore não nos deixa ver a floresta» e «que o urgente não nos afaste do que é importante».

3.2.4_ INTERIORIZAÇÃO-CONSCIENCIALIZAÇÃO

Ao avaliar o nosso compromisso e ao olhar para o caminho percorrido, iremos aperceber-nos que o que vamos descobrindo, sabendo, pensando, sentindo, assimilando, dá forma às nossas consciências e nos ajuda a ser cada vez mais pessoas. Mas não basta experimentá-lo individualmente e guardarmos essa experiência com egoísmo, sentindo-nos muito felizes por vivê-la. Para sermos muito mais coerentes com o que aprendemos e experimentamos, é necessário expressá-lo, dizê-lo, comunicá-lo, socializá-lo, para que muitas outras pessoas se alimentem com a comida com que nós próprios nos alimentámos e que permitiu, ao transformar-se em energia pura, e que experimente, com essa experiência partilhada, as mudanças de sentimentos, de emoções, de serviço prestado, de importância que vai sendo dada à vida, tanto a de cada um como a dos outros.

PALAVRAS como solidariedade, justiça social, compromisso com a mudança, distribuição justa de bens e riquezas, formação activa e permanente, relação interpessoal, denúncia do injusto, participação na cidadania, democracia, fome, pobreza, exclusão social, imigrantes, deficientes, doentes, acolhimento... começam a despertar em nós um sentido mais íntimo, mais próprio, mais partilhado. Vão-se transformando em palavras com poder para mobilizar o nosso espírito e agitar os nossos corações. Para continuarmos motivados na acção empreendida e no caminho tomado, sentindo, além disso, que não estamos sozinhos nessa tarefa.

Quando isso acontece, significa que estamos a começar a ser tocados pela magia da Vida partilhada, da construção interior da **Síntese Criativa**, da interiorização da solidariedade empenhada. E esse é o resultado milagroso do processo a que demos início ao formos em prática o que SOU com os OUTROS e o que já SOMOS.

3.3_ COMPROMISSO E AVALIAÇÃO

O que tem de ficar claro com tudo o que já referi é que se trata de questões necessárias para melhorar o compromisso, para rentabilizar melhor as acções... para sofrer menos... Para utilizar melhor os recursos que temos ao nosso alcance ou que estão dentro de cada um. São, sem dúvida, ferramentas necessárias para nos ajudar a crescer mais e a sermos cada vez melhores, em todos os sentidos e acepções dessa afirmação.

Para isso, é necessário reflectir profundamente sobre os compromissos adquiridos. Não basta avaliar a suposição, ou as meras intenções, embora também seja importante tê-las em conta. A avaliação deve ser objectiva, o que só pode ser feito se recolhermos, documentalmente, os nossos compromissos adquiridos, se mantivermos um registo escrito das programações previstas e decididas. Se as ideias ditas ou pensadas estiverem expostas nalgum lugar. Se o trabalho realizado, os encontros efectuados, as dificuldades encontradas, as reuniões organizadas, o material elaborado ou as informações prestadas forem expressadas de alguma forma e recolhidas.

Não é possível avaliar com base em suposições ou em ideias vagas do que se vai passando. Não é possível avaliar sem uma definição clara dos pormenores do trabalho realizado ou empreendido, sem os motivos específicos das dúvidas ou erros, sem garantir a fidelidade do que foi dito ou vivido, porque a mente também atraiçoa a memória e o resultado da avaliação não servirá de nada. É difícil combinar compromisso sem avaliação, porque **aprendemos com o compromisso e progredimos com a avaliação; se não os unirmos, não podemos avançar.** Existem várias técnicas de avaliação, mas nem todas são válidas. É preciso saber usar as melhores e as que mais nos podem ajudar neste processo participativo de aprendizagem comum, solidária e voluntária. É preciso escolher bem. Para isso, devemos optar pelas que têm como objecto a metodologia participativa da intervenção social.

3.3.1_ A ACÇÃO-REFLEXÃO-ACÇÃO (ARA)

A acção-reflexão-acção é um modo de fazer as coisas. É a melhor maneira de nos comprometermos com o mundo. É a forma de interagir activamente e aprender. Com a ARA podemos ir resolvendo os erros, adaptando os planos, melhorando os compromissos. Com esta dinâmica, aquela a que é necessário dedicar tempo, vamos desenvolvendo as «antenas», ampliando as «lentes» e melhorando o «verbo». Aprenderemos a ouvir mais, a observar melhor e a saber dizer o que está correcto em cada momento.

Não podemos deixar de analisar o que fazemos, porque, muitas vezes, as nossas acções podem contradizer o que queremos fazer ou ser contrárias às nossas verdadeiras e boas intenções. Nem sempre fazemos o que queremos fazer, o que devemos ou o que dizemos que queremos fazer, ou, inclusivamente, fazemos o contrário daquilo com que nos comprometemos. E isso, que acontece à maioria dos que vivemos o compromisso solidário, surge em consequência das nossas aprendizagens prévias, dos nossos hábitos adquiridos... ou reflecte os nossos hábitos e pensamentos culturais, muitas vezes nada agradáveis e respeitadores de nós próprios ou dos outros. Tudo isto, que me foi moldando como indivíduo em sociedade e que também me identifica como ser existente, exterioriza-se e manifesta-se em qualquer momento. No entanto, não devemos sentir-nos culpados, mas sim responsáveis para mudar, para melhorar atitudes, para melhorar comportamentos, para promover as relações e para rentabilizar mais e melhor as acções e as denúncias realizadas.

A acção-reflexão-acção, ou ARA, é uma metodologia que permite avaliar em permanência aquilo que fazemos. Incentiva-nos a estarmos constantemente atentos a tudo o que fazemos, vivemos, pensamos ou sentimos. Permite-nos interagir com os outros a partir de um compromisso sincero de modificar o que está mal e de melhorar e potenciar o que está bem.

3.3.2_ UMA FORMA DE SER, UMA FORMA DE VIVER

Viver o compromisso e avaliar o que fazemos, com base no que referi anteriormente, permite-nos **pensar o que sentimos e sentir o que pensamos**, pelo que, de alguma forma, estamos a transformar o que inicialmente parecia ser uma parte secundária da nossa vida em algo verdadeiramente importante e essencial. Esta forma de viver o compromisso solidário funcionará como uma motivação permanente e irá ajudar-nos a transferi-lo e reflecti-lo no nosso «quefazer» quotidiano e a transpor para toda a nossa existência e todas as nossas diferentes «presenças» esta «nova» forma de fazer as coisas. Poderemos adquirir novos hábitos e melhores competências, deixar de ser tão insensíveis e melhorar a nossa qualidade humana, assim como a dos outros. «Moralizaremos» a vida que levamos e ver-se-á em nós um sinal de esperança de que as coisas podem mudar, tal como as pessoas e o mundo. Acabaremos por transformar estes novos estilos que aprendemos, ou estamos a aprender, num estilo de vida que se projectará para todas as situações da vida quotidiana: família, amigos, trabalho, escola, bairro, empresa, associação, administrações públicas, etc. É esse o melhor resultado, a melhor meta atingida deste caminho percorrido sem alforjes no início da nossa caminhada ou daquele primeiro momento em que decidimos fazer do nosso «tempo

livre» um tempo para a solidariedade. O fazer bem as coisas vai-me permitindo, ou já me permitiu, **viver o milagre da mudança experimentada e sentida**, pelo que podemos afirmar que a UTOPIA é possível, que mudar não é um sonho:

*Temos de deixar de nos sentir
Guerrilheiros derrotados,
Vítimas ou heróis frustrados
E para podermos compensar-nos
Devemos livrar-nos
Da épica e do delirante
Do discurso idealizante
Para que, a partir do real,
Com mais energia vital,
Possamos ir avante*

23 de Outubro de 1993
Guillermo Velázquez

De seguida, e a título de resumo, apresento uma sinopse da autora Ana Gimeno Bayón, relativa às cinco ideias básicas da motivação humana, que definem muito bem algumas das questões aqui discutidas⁽¹⁶⁾.

RESUMO

- _ As motivações são impulsos internos que nos levam a procurar metas e a levar a cabo actividades destinadas a atingi-las.
- _ As tendências ou motivações nascem de uma situação de insatisfação ou carência e apontam para uma meta onde surge um «valor» que permite superar essas insatisfações.

(16) Ana Gimeno-Bayón. Comprendiendo cómo somos. Dimensiones de la Personalidad. D.D.B. Bilbao.1999 pp. 47-48.

- _ Ao contrário do que sucede com os instintos dos animais, as motivações humanas têm a particularidade de surgir na nossa consciência com vista a um fim e com uma margem de autonomia que permite ao indivíduo escolher as metas e os valores em que irá concentrar a sua energia.
- _ Há autores que referem uma ou duas motivações para explicar a dinâmica da personalidade. No entanto, o mais comum é propor uma multiplicidade de motivações.
- _ A finalidade explica o sentido e a funcionalidade das motivações.

Estas variam ao longo da vida: às tendências infantis vão-se somando outras mais complexas e específicas de cada indivíduo.

4_ CONCLUSÕES

Meu Amigo

«... Meu amigo, não sou o que pareço.

O que pareço é apenas uma vestimenta cuidadosamente tecida, que me protege das tuas perguntas e te protege da minha negligência. O eu em mim mora na casa do silêncio, e lá dentro permanecerá para sempre, despercebido, inalcançável.

Não queria que acreditasses no que digo nem confiasses no que faço: pois as minhas palavras são os teus próprios pensamentos em articulação e os meus feitos, as tuas próprias esperanças em acção.

Quando dizes: «O vento sopra do Leste», eu digo: «Sim, sopra mesmo do Leste», pois não queria que soubesses que a minha mente não mora no vento, mas no mar.

Não podes compreender meus pensamentos, filhos do mar, nem eu gostaria que compreendesses.

Gostaria de estar sozinho no mar.

Quando é dia contigo, meu amigo, é noite comigo. Contudo, mesmo assim falo do meio-dia que dança sobre os montes e da sombra de púrpura que se insinua através do vale:

Porque não podes ouvir as canções de minhas trevas

Nem ver as minhas asas a bater contra as estrelas – e eu prefiro que não ouças nem vejas.

Gostaria de ficar a sós com a noite.

Quando ascendes a teu Céu, eu desço ao meu Inferno – mesmo então chamas-me através do abismo intransponível:

«MEU companheiro, meu camarada», e eu respondo-te: «meu camarada, meu companheiro» – Porque não gostaria que visses o meu Inferno. A chama queimaria teus olhos e o fumo encheria as tuas narinas.

E amo demais o meu Inferno para querer que o visites. Prefiro ficar sozinho no Inferno.

Amas a verdade, e a beleza, e a rectidão.

E eu, por tua causa, digo que é bom e decente amar essas coisas. Mas, no meu coração rio-me do teu amor.

Mas não gostaria que visses meu riso. Gostaria de rir sozinho.

Meu amigo, tu és bom e cauteloso e sábio. Tu és perfeito – e eu também, falo contigo sábia e cautelosamente.

E, no entanto, sou louco.

Porém mascaro a minha loucura. Prefiro ser louco sozinho:

Meu amigo, tu não és meu amigo, mas como te farei compreender? O meu caminho não é o teu caminho.

Contudo juntos marchamos, de mãos dadas.»

Khalil Gibran

Não há nada que se possa concluir daqui a não ser a afirmação veemente de que o caminho se faz caminhando. Que adquirimos a sabedoria quando desejamos que o entendimento exerça a sua função e que adquirimos o entendimento a partir da aprendizagem e da reflexão sobre as experiências que vivemos. Que a nossa criatividade

faz parte do engenho da capacidade humana de utilizar o seu pensamento e que tu, eu e o outro não somos mais que parte de um mesmo projecto em expansão, evolução e encontro. Mesmo assim, gostaria de abordar os seguintes aspectos:

4.1_ PENSAMENTO E MENTE

O exercício de pensar fortalece a capacidade da mente. A mente permite-nos criar os nossos próprios mapas cognitivos e conceptuais. Facilita-nos o pensamento. Memoriza e arquiva as imagens captadas, as lições passadas e as letras e números que nos permitem dar nome às coisas, melhorando a comunicação e a linguagem. Organiza a memória e responde automaticamente a determinados estímulos. Porém, os «bons pensamentos» não são apenas o resultado de mentes eficazes e resolutas, mas sim de outros processos internos humanos que a ciência ainda desconhece.

4.2_ SENTIMENTO E CORAÇÃO

Sentir o que fazemos. Experimentar sentindo. Sentir o sentimento. Dar vida ao que o meu coração sente e fazer com que a minha mente o pense. Não viver a dissociação da vida. Não mergulhar nos nossos abismos existenciais. Não alimentar barreiras internas à comunicação consigo próprio. Não erguer muralhas à vida que somos e à existência que sentimos. Compreender o bater do coração, os seus ritmos, as suas pressas e sossegos. Empregar a emoção necessária no que fazemos, fazer com que o coração pense e a mente sinta.

4.3_ AMOR, CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO

Uma ideia transposta para a realidade é um acto de criação que é necessário saber construir para se tornar tangível e acessível a todos. Não se constrói nem se cria nada apenas para benefício egoísta de alguém, mas sim para benefício dos outros. E isso é amor. A solidariedade é a expressão do amor. Para ser, é preciso construir. Para construir, é preciso criar. Para criar, é necessário pensar e sentir. É assim que se expande a vida e se constrói a UTOPIA ou se traduzem os sonhos na realidade actual.

4.4_ MOTIVAÇÃO E COMPROMISSO

A vontade de viver de uma determinada forma nasce do coração ou da alma, mas é a mente que recebe as ordens para a concretizar. É o pensamento que a estrutura e organiza, sendo o compromisso e a acção quotidiana que a tornam visível e a avaliam. Isso motiva a acção empreendida e promove a realização do compromisso funcional, organizado e avaliável. A Motivação pode ser organizada por ferramentas. Pode ser estruturada para ser compreendida e avaliada. Pode ser a ajuda necessária para a continuidade do compromisso. Mas não pode ser substituída pela vontade, nem sequer pelo entendimento. O entendimento é a sabedoria das coisas aprendidas, mas são as «verdadeiras» razões internas que nos impelem a ser cada vez mais sábios e mais voluntariosos. Podemos procurar motivos para nos animarmos face às dificuldades daquilo que nos rodeia ou nos nossos próprios medos, limitações ou dificuldades; o que não podemos é procurar no exterior aquilo que está no nosso interior. Que perspectiva é preciso assumir para analisar tudo isto?

4.5_ FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Aprender a concretizar a acção e o compromisso com os melhores dos métodos. Ampliar a possibilidade do conhecimento através do pensamento que se forma e cresce. Promover modos e formas de relação interpessoal. Utilizar as tecnologias adequadas descobertas pela ciência. Podemos definir como Formação a aplicação das técnicas e ferramentas necessárias para conhecer a realidade e a Verdade em que nos movemos. No entanto, esta será útil em si mesma se não servir para Trans-formar o que já não é adequado.

O que não serve. O que identificámos como inválido. O que contraria a vida. O que deforma as consciências e a percepção da verdadeira Justiça e Liberdade. Formar-nos para nos trans-formarmos. Formar para **trans-formar**.

«O HOMEM de hoje é um colosso pelas enormes responsabilidades que sobre ele pesam e um anão face às enormes tarefas que o esperam.

Mas não podemos cruzar os braços e nada fazer, sob o pretexto de não podermos fazer tudo, rapidamente e bem! Guardamos no coração a impaciência pelo que temos para fazer. E a indignação pelo que fizemos.»

Abbé Pierre

II.

PROPOSTAS
DIDÁCTICAS

1_ À PROCURA DE RESPOSTAS

EXPERIÊNCIA DE UMA VOLUNTÁRIA EM RELAÇÃO ÀS SUAS DÚVIDAS EXISTENCIAIS.

«CHAMO-ME CAROLINA e sou uma jovem de 27 anos, voluntária de uma ONG que presta assistência na área da saúde. Há muito tempo que dava voltas à minha vida. Não sabia o que fazer com ela. Não sentia propriamente aquilo a que chamam felicidade nem mergulhava na diversão de fim-de-semana que os meus amigos escolheram como modo de evasão e engate. No entanto, para a minha família, sou um exemplo a seguir para os meus três irmãos, todos rapazes e mais novos do que eu, porque tenho um trabalho administrativo fixo numa câmara municipal. Acabei o curso de gestão de empresas na universidade e vivo sozinha no meu próprio apartamento no município onde trabalho (no Sul de Tenerife), embora a minha família viva em La Laguna. Havia noites em que tinha sonhos nada agradáveis sobre a morte, a fome e a miséria. Acordava muitas vezes sobressaltada e encharcada em suor. Na verdade, não sabia o que me estava a acontecer. O certo é que, no fundo, sabia que não gostava do mundo onde vivia. Não gostava de assistir ao sofrimento dos doentes nem de ver pessoas a mendigar ou a viver ao abandono na rua. Mas não fazia nada por elas. Preocupavam-me apenas no meu coração, mas o meu raciocínio recusava-se a expressar esse sentimento. Os meus pais são crentes praticantes e muito devotos da igreja católica. Embora nascida e criada nesse ambiente, tinha deixado de acreditar há muito tempo. Desde que aquele sacristão não mostrou boas intenções comigo. Nunca disse nada. Por medo e por achar que não acreditariam em mim. Deixei de ir à igreja. Não voltei a estudar Religião, e tudo que se relacionasse com «os padres» parecia-me falso e pouco credível. Por causa disso, tive muitos problemas em casa e bastantes discussões com os meus pais. Apesar disso, acabaram sempre por respeitar as minhas decisões. Talvez por quererem ser coerentes e aparentarem o progressismo político em que participavam. Sempre tive as minhas dúvidas sobre a atitude dos meus pais: como podiam católicos devotos e tão «tradicionais» ser tão radicais e simpatizar com a política e a economia esquerdista e socialista? Como era possível que me apontassem como exemplo quando, no fundo, não era mais do que uma maldita burguesa acomodada e muito competitiva? Tudo mudou um dia quando vi na televisão um anúncio do projecto Tenerife Solidario a apelar ao voluntariado, altura em que

decidi frequentar um Curso Básico organizado pela «Escuela Insular de Formación de Voluntariado». Foi lá que compreendi muitas coisas. Deixei fluir os meus sentimentos. Foi fácil desde o primeiro momento. O monitor do curso tocou o meu coração com a sua metodologia, as suas palavras sinceras e o seu exemplo de vida. As pessoas que lá encontrei pareceram-me maravilhosas. Pessoas sinceras, sem máscaras. O que descobri sobre a injustiça social, a solidariedade, o compromisso... fez-me pensar muito, talvez demasiado. Isso levou-me a «meter-me» numa associação de assistência na área da saúde. Sou voluntária há dois anos e sinto-me feliz. Agora estou na ala de pediatria do serviço de oncologia e basta-me ver uma criança sorrir para ficar com o coração inundado de felicidade. Comecei a sentir a vida de outra forma. A dar valor a todos os minutos da minha vida e a não temer a morte, pois convivo diariamente com ela. Dou graças por isso, não sei se a Deus, questão que ainda não compreendo muito bem, mas certamente à nova energia que sinto dentro de mim, à sensação de estar a fazer algo útil para a sociedade e que, pessoalmente, me mudou a vida. Dezembro de 2001.

PROPOSTA DE TRABALHO:

1º Leiam individualmente esta experiência e retenham o que vos provocar MAIOR IMPACTO.

2º Comentem, oralmente ou por escrito, o que mais se relaciona com a vossa vida, completando as questões que valha a pena discutir e que ampliam a experiência de Carolina.

3º Partilhem o vosso comentário ou reflexão pessoal com os restantes colegas presentes na reunião de grupo ou organizem uma dinâmica de trabalho em pares: juntem-se dois a dois, até voltarem a reunir todo o grupo, e apresentem as vossas conclusões.

4º Assinalem, entre todos, as razões que possam ter levado Carolina a dar este passo de compromisso Solidário. Analisem porque seria tão competitiva e acomodada e relacionem-na com outras pessoas que conheçam.

5º Analisem o papel da sua família e a influência do ambiente que a rodeava na formação do seu carácter e maneira de ser.

2_ DIÁRIO DE UM VOLUNTÁRIO:

MARÇO

QUINTA-FEIRA 1: Há muito tempo que começo a sentir-me incomodado com o meu trabalho voluntário de protecção civil. Sinto que a Organização está em crise. Que há muitos conflitos entre os responsáveis. Que **só falam entre eles** e se contradizem muito nas ordens que nos dão ou no cumprimento das actividades ou vigilâncias. Os que entraram há pouco tempo, como eu, não sabem nada sobre a Associação e, na verdade, estou a estranhar o facto de não nos terem dado nenhum tipo de formação. Alguns dos mais antigos dizem que **não é convocada uma reunião há quase um ano!** Não sei, há aqui alguma coisa que não me agrada. Acho que esta associação tem muitos problemas internos. Vamos ver no que vai dar toda esta situação.

SEXTA-FEIRA 2: Hoje estive a falar com a Marta, uma amiga que entrou comigo como voluntária da Associação «PROCITE» (não revelo o nome verdadeiro por motivos óbvios) e que tem a mesma impressão do que eu. Ninguém nos ajudou. **Poucos nos perguntaram de que é que gostamos. Quase ninguém está a par dos nossos conhecimentos e competências.** Só nos perguntaram sobre a nossa disponibilidade e se sabíamos o que era a Protecção Civil. Se já conhecíamos a Associação e se queríamos começar em breve. A verdade é que dissemos que sim, ao que nos responderam que podíamos começar nessa mesma semana a cobrir as vigilâncias na central de rádio e nos veículos de patrulha e protecção durante as actividades de Carnaval da ilha. Ao princípio estávamos muito entusiasmados. Agora penso que não foi a melhor forma de começar.

SÁBADO 3: Hoje sinto-me mesmo mal. **Decidi abandonar tudo.** Zanguei-me com um colega voluntário por causa do que aconteceu no desfile de Carnaval. Estávamos no meio de uma rixa e a minha reacção foi tentar evitar o confronto físico, pondo-me no meio, e acabei por levar uma pancada nas costas de um dos jovens desordeiros. O meu colega tirou-me de lá e perguntou-me se estava maluco. Que o melhor era chamar a polícia e não intervir. Eu não percebi aquilo e perguntei-lhe porque não tinha ele chamado a polícia. Respondeu-me que o rádio estava sem bateria porque se tinha esquecido de o carregar durante a noite. Fiquei furioso e fui para casa, deixando-o sozinho e dizendo-lhe para ir para a central. Não aguentava mais aquela pressão, descoordenação e irresponsabilidade. Tentei fazer o melhor que podia, embora agora pense que se calhar estava enganado, mas

a verdade é que ninguém nos disse que tínhamos de enfrentar esse tipo de possíveis situações. **Ninguém nos ensinou nada!** Ainda por cima, eu nem sequer sabia porque queria ser voluntário! **A quem recorrer?** Na próxima segunda ou terça-feira sou capaz de ir ao Gabinete de Voluntariado que me disseram que há em Santa Cruz para me informar melhor. Eu gosto da protecção civil. Sinto-me capaz de prestar um bom serviço à sociedade nessa área, mas não sei se há outras possibilidades. Vou ver se me informo como deve ser.

PROPOSTA DE TRABALHO:

Analisar este texto e organizar um debate/fórum no grupo ou Associação sobre as questões nele abordados. Para isso, seria necessário destacar os aspectos que se revelam mais problemáticos. Este tipo de coisas acontece na nossa associação? O que podemos fazer para mudar a situação? Seria interessante estabelecer uma relação com os capítulos 2 e 3 do presente caderno. Pensar nas possíveis soluções para o que acontecia na «PROCITE» e aos novos voluntários que chegavam à associação. Poderia igualmente ser elaborada uma lista das falhas identificadas na experiência contada por este voluntário e compará-la com a nossa própria experiência.

OUTRA ideia interessante seria enumerar as razões de cada pessoa para se comprometer como voluntária.

3_ SINTO-ME TÃO SOZINHO(A)!

O OBJECTIVO deste trabalho é, pura e simplesmente, reunir as dúvidas, as interrogações e os problemas com que se pode deparar um voluntário que quer fazer mais, mas não pode, não sabe ou não se sente suficientemente motivado para isso. Trata-se de contar uma experiência vivida por alguns dos membros do grupo onde participem ao nível do voluntariado social. Podem utilizar os exemplos anteriores para ilustrar a experiência ou recorrer a uma situação de «role-play», ou dramatização de papéis. O mais importante é aprofundar, interactivamente, os problemas que podem existir na acção voluntária quando a pessoa se sente sozinha por não ser devidamente acompanhada ou correctamente aconselhada.

O que sentimos nós a esse respeito?

4_ COMO AVALIAR TUDO ISTO!

TÉCNICA DO AQUÁRIO A PARTIR DE UM CASO PRÁTICO

O responsável ou dinamizador do grupo de voluntários apresenta um caso prático que sirva de ponto de partida para os participantes na sessão. Pode utilizar os relatos dos casos 1 e 2. São formados 2 grupos.

O **primeiro grupo**, disposto no centro e sentado em círculo, deve trabalhar com base num esquema de grupo de discussão: partir de um pressuposto, reflectir sobre o mesmo, destacar os pontos mais importantes, relacioná-los com a vida e a experiência dos participantes e apresentar propostas e soluções através de acções programadas concretas e avaliáveis. No início da reunião, é importante eleger, entre os participantes deste primeiro grupo, um secretário e um moderador do grupo de discussão. Além disso, convém saber antecipadamente o tempo disponível para a reunião (não deve ser inferior a uma hora).

O **segundo grupo** é disposto fora do círculo, distribuindo-se pela sala de modo a poder observar bem o grupo de discussão, mas sem poder intervir em nenhum momento e sem ficar demasiado visível em relação ao primeiro grupo. Será entregue a cada um destes observadores uma ficha, onde devem registar, no mínimo, os seguintes aspectos: como foi eleito o secretário e como desempenhou a sua função; como foi eleito o moderador e como desempenhou a sua função; qual o tipo de participação no grupo: nível de diálogo, quantidade e qualidade das intervenções, exclusão de algum participante, excesso de protagonismo de outros, etc.; como correu a discussão: desenvolvimento do conteúdo, nível de aprofundamento, análise efectuada, propostas apresentadas e compromissos adquiridos.

Na parte final, ambos os grupos comentam a experiência e chegam a conclusões comuns que envolvam todos os membros da sessão realizada.

III.

UM VOCABULÁRIO
PARA NOS ENTENDERMOS
MELHOR

- _ **Identidade:** É o tipo de respostas dadas pelos seres humanos para encontrar e viver aquilo que acreditam que os identifica como pessoas e que manifestam nos seus comportamentos, compromissos, atitudes, relações, vida interior.
- _ **Consciência:** Não se refere ao facto de ser consciente, mas sim de tomar consciência das coisas. Como são assimiladas e entendidas, como se vivem e compreendem. A consciência é o elemento interior que nos devolve às causas justas, que nos leva a procurar informação e a compará-la, a recuperar a nossa humanidade partilhada.
- _ **Sentimentos da alma:** Magoa-nos profundamente o que vemos ou ouvimos quando assistimos a uma brutalidade ou barbaridade humana ou quando vemos a injustiça social ou a fome no mundo. É o que nos faz revolver as entranhas ou grita à nossa consciência. São também os sentimentos que surgem espontaneamente quando alguém precisa de ajuda imediata e agimos automaticamente, sem pensar.
- _ **Altruísmo:** Não pedir nada em troca. Compromisso derivado do entendimento da vida. Comportamento solidário pelo facto de nos descobirmos como pessoas. Dar SEMPRE amor, mesmo sem o receber.
- _ **Motivação:** Ter motivos que estimulem o «quefazer» e o compromisso do voluntariado. Impulso interior que impela a acção. Estímulo exterior que ganha vida com o compromisso.
- _ **Compromisso:** Tarefas assumidas a partir de projectos partilhados e de ideias sentidas e entendidas. Opções de vida que se manifestam na realidade através das tarefas concretas das pessoas e das organizações.
- _ **Colectivo:** Faz referência ao grupo. Ao interesse comum e partilhado. Ao sentimento de pertença. À compreensão de que o que se faz é de todos e não pertence a ninguém em concreto.
- _ **Síntese criativa:** Unidade do ser humano no seu processo de construção enquanto pessoa. É a união indivisível do ser social e do ser individual. É a união do Eu e do Outro. É a construção equilibrada do mundo interior e do mundo exterior.
- _ **SAFPASIC:** Designação que pode ser dada ao processo de vida do voluntariado: Sensibilização, Acolhimento, Formação, Participação e Apoio, Seguimento, Interiorização e Conversão (ou Consciencialização).
- _ **ARA:** Acção-reflexão-acção. Reflectir, analisar ou avaliar a partir do que é feito, a fim de aprofundar o compromisso, melhorando o que se faz.

IV.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

NÚÑEZ H., CARLOS, *La Revolución Ética*. Edita; IMDEC.A.C. México, Outubro 1998.

_ Há muitos livros que se podem ler sem interesse pelo tipo de vida do autor. Já não é esse o caso quando se escreve sobre temas relacionados com a ética e a moral. Há que salvaguardar o que se escreve, vivendo de acordo com o que se pensa. Neste sentido, Carlos Núñez é uma das pessoas que podem escrever um livro sobre estes temas. Na sua obra *La Revolución Ética*, não só expõe ideias, como apresenta o seu próprio ponto de vista sobre a sociedade e, quando lemos a sua rejeição de todas as estruturas sociais, políticas e económicas imorais, sabemos que o faz com base numa vida onde procura, com honestidade, manter a coerência entre o seu pensamento e a sua vida» (comentário retirado do prólogo da autoria de E. Cardenal ao livro de Carlos Núñez).

GARCÍA, SOLEDAD E STEVEN LUKES, *Ciudadanía: Justicia Social, Identidad y Participación*. Siglo XXI de España Editores. Madrid, 1999.

_ Os autores analisam, através do pensamento social e político, as transformações por que estão a passar as práticas da cidadania, assim como os seus efeitos sobre a justiça social das sociedades do mundo ocidental em resultado das políticas neoliberais, das reestruturações dos Estados-providência e da flexibilização dos mercados de trabalho, entre outros. Actualmente, a reivindicação das identidades colectivas, por exemplo, das minorias étnicas, das nações sem Estado, etc., é mais forte do que as de classe social, com as minorias a questionar os princípios de cidadania universal que não tem em conta a sua identidade de grupo.

ENTRENA, M.^a SOCORRO, *Animar a Desanimados*. Editorial San Pablo. Colección Claves. Madrid, 2001.

_ São inúmeras as ocasiões em que o desânimo pode alastrar-se e que fazem com que as pessoas se tornem infelizes, se sintam subestimadas: problemas emocionais ou físicos, dificuldade de adaptação à mudança, desavenças no trabalho, problemas de dependências, discrepâncias entre expectativas próprias e alheias, etc. Este livro mostra como estimular ou motivar as pessoas que se sentem desanimadas, para que possam alcançar um desenvolvimento positivo e se transformem em seres humanos, felizes e úteis.

GARCÍA ROCA, JOAQUÍN, *En Tránsito Hacia los Últimos*. Editorial Sal Terrae. Santander, 2001.

_ Por detrás deste livro esconde-se um único propósito firme: ajudar a conter a maré neoliberal desta década, que cria «pirâmides de sacrifício» e gera mortes físicas, culturais e espirituais, embora o livro possa ter outras aplicações quando o furacão mudar de direcção. Esta versatilidade não desvirtua, de forma alguma, o objectivo inicial de conter a maré neoliberal, ainda que lhe atribua – sem o desejar explicitamente – um ar de honestidade e de equilíbrio politicamente correcto. Trata-se de identificar as possibilidades de resistência e de contra-ataque.

GIMENO-BAYÓN, ANA, *Comprendiendo Cómo Somos. Dimensiones de la Personalidad*. Editorial Desclée De Brouwer, S.A. (DDB). Bilbao, 1996.

_ Num percurso panorâmico e sistematizado pelos temas básicos da Psicologia Geral, com especial ênfase para a questão da personalidade, este livro aborda os conteúdos próprios desta disciplina de uma forma simples, agradável e didáctica, como é próprio da Psicologia Humanista. A preocupação em fazer com que o seu vocabulário seja facilmente compreendido faz deste livro um instrumento de estudo flexível e adequado para diferentes necessidades e públicos.

OUTROS LIVROS PARA ALEGRAR A ALMA:

- _ Minilivros de auto-ajuda da editorial Lumen. Recomendo especialmente dois, que considero muito especiais: Um de KHALIL GIBRAN, *De la Vida y el Alma*, e outro da autoria conjunta de THOMAS MERTON, ABBÉ PIERRE e ANTHONY DE MELLO, intitulado *Sobre la Vida y la Sabiduría*. São pequenas obras de arte da literatura que ajudam a viver, a compreender que não estamos sós, que há muitas outras pessoas que pensam, sentem e escrevem o que nós, por vezes, não conseguimos expressar.

FICHA TÉCNICA

Título Original

Motivaciones de la Persona Voluntaria. El Compromiso Inicial
2ª edición
Colección A Fuego Lento

Autor

Miguel Angel Díaz Hernández

Edição Original

Plataforma del Voluntariado de España

Edição Portuguesa

Fundação Eugénio de Almeida

© Desta Edição

Fundação Eugénio de Almeida

Tradução

SintraWeb, Informática e Serviços, Lda

Design Gráfico

MindImage Design, Lda

Impressão

Fernandes & Terceiro, S.A.

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-972-8854-41-6

Depósito Legal

319294/10

Novembro 2010



03

MOTIVAÇÕES DA PESSOA VOLUNTÁRIA

Viver o compromisso permite-nos pensar o que sentimos e sentir o que pensamos, pelo que, de alguma forma, estamos a transformar o que inicialmente parecia ser uma parte secundária da nossa vida em algo verdadeiramente importante e essencial. Esta forma de viver o compromisso solidário funcionará como uma motivação permanente e ajudar-nos-á a transferir para toda a nossa experiência e todas as nossas diferentes «presenças» esta nova forma de fazer as coisas.

Eugénio de Almeida

FUNDAÇÃO
EUGÉNIO
ALMEIDA